

O EDIFÍCIO DA FELICIDADE

Temos que deixar de lado a idéia de que o nosso sofrimento é o maior de todos. Sempre há alguém sofrendo mais do que nós e, mesmo quando estamos no meio de muito sofrimento, há sempre um jeito de se colocar nele um pouco de alegria. Agora, se cada um se fecha dentro de si mesmo, o sofrimento vai crescer muito e ocupar todos os espaços.

Assim, só vamos enxergar o tamanho imenso do nosso sofrimento e da nossa dor; nossos corações vão estar tão ocupados com as nossas dores particulares que não ficará nenhum cantinho desocupado para colocarmos o sofrimento do outro. Temos que aprender a conviver com a dor, sem deixar que ela tome conta de nós. O nosso coração tem que ser como um arranha-céu, como aqueles prédios bem compridos e cheios de pequenas divisões, umas sobre as outras. Desse modo, no edifício de nossa vida, devemos colocar: – em cima de cada dor, um sorriso; – em cima do sentimento de ódio, um espaço para a piedade; – em cima do desassossego, a disciplina; – em cima da ignorância, o saber; – em cima do desamor, um espaço para o amor.

É assim que, de andar em andar, de espaço em espaço, nestas misturas confusas e complicadas do nosso caminho, vamos encontrando um lugar para os bons sentimentos. Até que, um dia, conseguiremos colocar, na cobertura do nosso edifício, um sentimento capaz de envolver todos os outros. O sentimento pelo qual vocês lutam tanto – o amor. E, quem sabe, um dia, nós vamos também forrar a cobertura do nosso edifício com a felicidade! Para isso, precisamos ter certeza de que a felicidade está sendo construída em cima dos monturos, das confusões, dos acertos e dos desacertos.

Poucos foram os que edificaram a sua Torre Eiffel e caminharam direto para o céu. Nós somos todos construtores destes edifícios confusos e complicados. O tempo é de acertos e, enquanto a bondade divina nô-lo concede, precisamos aproveitá-lo para acertar as nossas vidas. Vamos colocar a casa em ordem, a nossa casa interior.

Zeferina, em 28/11/1987